

O AUTOMÓVEL DO ENGENHEIRO DIAKAMBA, POR TOMÁS MEDEIROS.
LISBOA: EDITORIAL ESCRITOR, 2003, 212 p.

Manuel Lima

O Tomás Medeiros que hoje nos propõe a crónica intitulada *O automóvel do engenheiro Diakamba*, pertence à geração independentista da Casa dos Estudantes do Império de Lisboa, que fez da pena uma arma, um instrumento de luta e que desde os anos cinquenta articulava a sua mensagem poética numa perspectiva messiânica, antes da sua participação na luta de libertação de Angola.

Ontem, como hoje, por coerência consigo próprio, Tomás Medeiros continua fiel aos ideais da sua juventude e ao espírito de missão do escritor como remuniador de consciências, segundo a expressão de Aimé Césaire, e simultaneamente como mediador entre a sociedade que existe e a sociedade virtual.

A acção de *O automóvel do engenheiro Diakamba* decorre em Luanda, entre os Acordos de Bicesse e os de Lusaka, assinados pelos representantes do EME e os de Sa Pimbe, Luanda, Roque Santeiro político, capital do lumpen proletariado e de todas as traficâncias, mas sobretudo mercado de consciências subjugadas pelo vinho do Poder cuja embriaguez, no continente africano dá, facilmente, direito de vida ou de morte aos que se opõem, daí a África ser esse continente bizarro, campeão mundial de mitos e de golpes de Estado.

Diakamba, o herói, é um pequeno chefe, promovido pelo Partido. Funcionário zeloso e fiel servidor recebe, um dia, um presente trazido por um n'gueta anónimo, um “automóvel espampanante”, “um carro de doutor ou de engenheiro”, com televisor, detector de mau cheiro e que até falava em quimbundo: “Diakamba, diz-lhe Dona, a mulher, nossa sorte vai mudar! Vamos ser gente”.

O presente intriga, mete medo, mas simboliza a promoção social de Diakamba no seu recente país presidido pelo camarada Mango, onnipresente

nos cartazes espalhados por toda a cidade, pois ele é o guia e o farol da revolução, governando por slogans que se infiltram nas consciências, fazendo de cada cidadão um ser de medos, submisso e um polícia de si próprio, autoflagelando-se nas sessões públicas de auto-crítica revolucionária. O narrador guia-nos nessa viagem através do sistema e do jogo de símbolos e de máscaras que ele impõe, na luta pela afirmação pessoal e pelo reconhecimento social. O terreno é um verdadeiro campo de minas armadas pelo regime ideocrático que governa o país e pelos Chicos Espertos nacionais e estrangeiros que subvertem as melhores intenções e transformam a experiência socialista do país num mosaico de bordéis de consciências hipotecadas, o que leva o padre Anselmo, completamente desorientado, a desabafar com Diakamba: “Vai, meu filho, peca como os outros, meu filho, qualquer coisa que mereça objecto de notícia nos órgãos de imprensa e depois a benção de Deus. Vai e peca. Sobretudo aprenda a pecar.”

Ironicamente, os Diakamba de todos os Estados africanos estão sós tal como o Estado que, sendo por si só um viveiro de conflitos, é um Estado eminentemente solitário e em crise porque pouco ou mal amado pelos Diakamba que pretendem servi-lo e pela maioria dos que deveriam dele beneficiar.

E os intelectuais, as reservas morais do país? Tomás Medeiros também não os poupa. Divididos entre a cultura europeia, o smoking, o cambriquito e as teorias políticas, os que incensaram o regime calaram-se por um prato de lentilhas à mesa dos compromissos.

Medeiros dá-lhes nomes muito sugestivos; os poetas chamam-se: Canivete Afiado, Caminho Certo, Juba de Leão e Tromba de Elefante.

Parece Carnaval, Carnaval de acordo com a aristocracia luandense no dia da inauguração do Casino Internacional: penteados exóticos, senhora vestida de camisa de noite, convencida de que trazia alta toalete para a cerimónia, a artista branca vestida de bessangana e a negra de minhota, guitarra, dicanzas e ngomonas juntos. E no meio de tudo um Povo que não conseguiu realizar a sua Esperança, essa esperança que afinal é a mãe de todas as vitórias e a madrinha de todas as derrotas! Que o digam os milhões de pobres enquadrados por uma meia centena de milionários, numa sociedade em que a desilusão da independência restaura a cor da pele como uniforme que determina o papel social de quem o enverga, à boa maneira colonial. Ao mito do Homem Novo

contrapõe-se o angolano comum, tentando sobreviver e de que Diakamba tinha plena consciência, ao ser recebido como membro do partido único:

“... deixara de ser um indivíduo qualquer. Era militante do EME, um soldado do Povo ao serviço da Luta. Participava nas reuniões do Partido, levava a palavra do Camarada MANGO a todos os cantos. Lia os jornais e os discursos do EME. Uma vez, intrometera-se na intimidade de MARX, ENGELS, LENINI e MAO: Achara os textos difíceis. Tentara outras vezes e a mesma barreira. Decidira então só ler o Camarada MANGO. O seu prestígio crescia dentro do Partido e entre os colegas, na repartição. O camarada responsável repetia:

“A situação estava chata, com a polícia e os camaradas do Partido a exagerarem no controle, a espreitarem tudo, em todos os cantos. A situação estava mesmo muito delicada e o medo agasalhava a consciência das pessoas. Os homens tinham enclausurado a palavra – tinham medo de tudo, dos pequenos nada, das próprias sombras. Agora que o país estava livre, que os tugas tinham debandado, porquê tanto medo?”

“Diakamba sentia, como uma dor profunda, o espectáculo matinal e obrigatório do Povo amontoado diante das lojas, os empurrões, as brigas e as mortes por um pacote de massa ou arroz. Os candongueiros aproveitavam a situação para destabilizar e explorar o Povo e criar a miséria no País. Criticava os dirigentes que lançavam palavras de ordem para o Povo se manifestar, apoiar o Poder e o EME – o MPLA e o Povo é o MPLA – e que nas horas de aflição, de cavanças tumultuosas, com os monas em casa sem uma caneca de leite, em vez de ajudar, mandavam a Polícia arrear, porque o Povo era do contra, estava a destabilizar. Aonde é que se viu isso, então? – perguntava.

Se um dia chegasse ao Poder, essa merda teria que acabar. Que não contassem com ele, Diakamba, para explorar o Povo. Que fossem lixar, mas não contassem com ele, insistia. Isso nunca.”

“(...) A Direcção do EME tinha a santa virtude de ser, como o Papa, infalível. O mal, qualquer que fosse, nunca vinha dela, do sistema que apregoava e não cumpria mas, sempre e tão só, do exterior, dos OUTROS. Desde que a defesa da revolução, do socialismo e das ideias do Camarada Mango estivesse em perigo, assumia um ar circunspecto, grave e dividia os militantes em duas categorias rígidas e incommunicáveis: os bons e os maus, conforme abafavam ou não a denúncia dos abusos e crimes cometidos. Eram assim, infalíveis”.

Desta maneira a máquina infernal cilindra impiedosamente até aqueles que a servem e alimentam: os julgamentos são sumários.

Diakamba acaba por ser punido sendo enviado para o seio do Povo para ser rectificado por este, reestruturado mentalmente, de forma a melhor servir a revolução. Na pequena aldeia em ruínas para onde é desterrado, Diakamba encontra o tal povo:

“Os olhos fixos no que restava da velha catedral, Diakamba intuiu que não só os relógios da torre estavam parados, desencontrados no tempo, mas ele próprio e as próprias pessoas presentes. Estavam ali, sentadas ao sabor do acaso, roubadas de tudo, como o homem da parábola a quem os ladrões caíram em si, despojaram de tudo, espancaram e foram-se embora. Ali estavam juntos, quase mortos, em busca da vida e da História.

Diakamba olhava e pensava: era esse afinal, o povo que deveria educá-lo, ajudá-lo a reencontrar os ideais do Camarada Mango que os homens do EME diziam ele tinha perdido? Onde estavam os cartazes do EME com retratos de MARX, ENGELS, LENINE, ESTALINE e MAO? E as figuras lendárias dos guerrilheiros heróicos? Duvidou de si, da revolução, do povo, do diabo do Camarada Mango, de tudo que aprendera em Luanda e pelo qual jurara lutar, defender, mesmo que fosse com sangue e com a vida. A revolução estava, também, diante dos olhos, como um cadáver em adiantado estado de putrefacção.”

Recomendo a leitura desta crónica de Tomás Medeiros, pela sua ampla capacidade de ser lúcido e solidário, de ser angolano, africano e universal enquanto testemunha do seu tempo.